

O PODER DISCIPLINAR NA LITERATURA DE DAMÁSIO

THE DISCIPLINARY POWER IN DAMASIO'S LITERATURE

Fidele Poutou*

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5952-6216>

E-mail: fpoutou@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o discurso literário de Damásio e relacionar essa literatura com a teoria de Michel Foucault, demonstrando o aparecimento de um modelo de arquitetura de acordo com uma nova estratégia de política, nomeadamente a prisão moderna, mas, a génese de uma técnica óptica, chamada panóptico, diretamente relacionada com a disciplina como uma forma de aplicar o poder. O Panóptico, uma técnica a ser aplicada universalmente na qual Foucault acredita a possível generalização deste princípio. Assim, os fatos são, inicialmente, contradizem esta vocação universal, uma vez que o Panóptico Bentham foi feito como tal. No século XIX, dois elementos do Panopticon estão no coração da maioria dos projetos de prisão e debates em torno dela: é a célula e o ponto de controle central. Nesta perspectiva, este trabalho também tem por estudo a vigilância da sociedade no mundo atual, analisando a evolução que conhece a cela de prisão livre, de acordo com o quadro teórico panóptico de Michel Foucault e não do sentido Panopticon rigorosa. A metodologia usada, é baseada numa pesquisa de cunho interpretativista para o entendimento do fenómeno panóptico. E, os resultados desta pesquisa mostram que neste mundo da globalização, vivemos e estamos todos numa prisão aberta.

Palavras-chave: panóptico; globalização; política; poder

ABSTRACT

This work aims to analyze the literary discourse of Damásio and relate this literature to the theory of Michel Foucault, demonstrating the emergence of an architecture model according to a new policy strategy, namely the modern prison, but the genesis of a optical technique, called panopticism, directly related to discipline as a way of applying power. The Panopticon, a technique to be applied universally in which Foucault believes the possible generalization of this principle. Thus, the facts are, at first, contradict this universal vocation, since the Bentham Panopticon was made as such. In the nineteenth century, two elements of the Panopticon are at the heart of most prison projects and debates around it: it is the cell and the central point of control. In this perspective, this work also has to study the surveillance of society in the world today, analyzing the evolution that knows the free prison cell, according to the theoretical framework panopticism of Michel Foucault and not of the rigorous Panopticon sense. The methodology used, is based on an interpretative research for understanding the panoptic phenomenon. And the results show that in this world of globalization, we live and we are all in an open prison.

*Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil. Membro do Núcleo de Estudos em Linguística Aplicada (NELA/UFSC), Educação linguística e pós-colonialismo: práticas de linguagem na realidade da sala de aula, e Decano do Instituto Superior Politécnico São Pedro do Huambo –Angola

Keywords: Panopticon; globalization; policy; power.

Considerações iniciais

"O olhar que vê é um olhar dominando" (p. 38)

A disciplina de T.E. em Práticas de linguagem, ofertada no primeiro semestre de 2015 pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal de Santa Catarina trouxe à baila algumas questões sobre os sentidos que linguistas problematizam. Motivado por essa temática, me proponho, nesse estudo, analisar o conceito de panóptico, ancorado nas concepções da disciplina, a partir de Júnior (2015); Machado (1977); BRUNON-ERNST (2007), Damasio (1999), Ramalhete (1999), Foucault (1975; 1984; 1985) e outros. A partir dessas delimitações teóricas, pretendo construir uma análise, cujo foco centra-se na sociedade de vigilância de M. Foucault baseada no mundo atual.

Os primeiros campos de interesse de Michel Foucault, a loucura, o nascimento de asilo e clínico podem parecer muito distante da lei. No entanto, o estudo de instituições como hospital, a prisão, foram tratados doente e infeliz, de bochada e insano, vagabundos e criminosos, levou a reexaminar esses gestos cujo hábito fez-se esquecer a estranheza: fechar para curar, para integrara disciplina, excluir para incluir o estudo das práticas disciplinares levou Michel Foucault para esclarecer o funcionamento do sistema penal moderno. Se esta perspectiva pode aparecer como uma visão radical para representações comuns da lei, ele também poderia ser uma das abordagens críticas mais esclarecedoras tensões no sistema de justiça criminal contemporânea, e mais além, todo o sistema legal.

O paradoxo das análises de Foucault (1975)¹ de espaço prisão é que dá-se menos ênfase no aspecto encerramento sobre o possível prisioneiro sempre a exposição aos olhos dos organismos de controlo. Neste Vigiar e punir continua o que poderia ser chamado de crítica política de visibilidade, que começou no início dos trabalhos de Foucault. A História da Loucura já imaginava que a escuridão da **masmorra** pode ser menos restritiva do que o "julgamento perpétua", que o louco "libertado" será apresentado mais tarde. No Nascimento da Clínica sugerido por sua vez, que os grandes mitos do Iluminismo conseguiam esconder o perigo de um espaço transparente, sem escapatória (MACHADO, 1977, p. IX).

¹Michel Foucault, *Surveiller et punir. Naissance de la prison*, Paris, Gallimard, 1975, 233.

Assim, cruzando o acompanhamento próximo e individualizado, a prisão moderna é a síntese de dois grandes modelos "político-médica" da história ocidental: a exclusão em um espaço fechado repete o exílio do leproso, enquanto os procedimentos de controle regular recordar a grade de uma cidade leproso. Esta síntese é o espaço por excelência disciplinar, cuja ideal é representada por um projeto concebido por Bentham, mas também o desenhador de um modelo de arquitetura "panóptico" (todo-ver). A descrição do dispositivo do Panopticon, em *Vigiar e punir*, é famosa:

Na periferia, um edifício anel, no centro, uma torre, que é perfurado com amplas janelas que se abrem para o lado interno do anel; a construção periférica é dividida em células, cada uma das quais passa através de toda a espessura da construção, que tem duas janelas, uma para dentro [...], virado para o exterior do outro, permite que a luz de dia atravessar a célula através de. [...] Para o efeito da luz do fundo, pode-se entrar na torre, o corte exatamente na luz, pequenas silhuetas cativas nas células da periferia. Então, muitas gaiolas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, e constantemente visível (p. 201).

Vê-se o "ganho" em relação à plena luz calabouço deixa nada ao acaso, onde a sombra conclui Foucault "Visibilidade a última instância protegida é uma armadilha". Acima de tudo, o panóptico opera completo o princípio da assimetria de poder (JUNIOR, 2015), pode ser visto monitorada constantemente, mas eles não veem o que vê-los, o que pode mudar, estar ausente, o limite não existe. A torre pode ser vazia, disponível até do espaço seria aquela célula do homem ou a criança, o tolo ou o estudante porque dispositivo de Bentham é aplicável a qualquer espaço disciplinar, podem acreditar em qualquer momento que é monitorado. Como um *tour de force*, uma sujeição verdadeira nasce mecanicamente de uma relação fictícia (p. 204). A armadilha se fecha por uma visibilidade que sempre viu crente eventualmente internalizar monitoramento e inconscientemente. Nessa ideia, Foucault escreveu que: "Aquele que é submetido a um campo de visibilidade, e quem sabe isso, leva-se as limitações de poder", portanto, o poder externo pode iluminar, desaparecer como instância de repressão direta e violenta e deixarão de ser exercido no anonimato de uma função.

Neste mesmo modo, aqueles que o vigiam e o prisioneiro se desenrolam nos mesmos processos de castigo e a correção (RAMALHETE, 1999). Esses processos impõem uma mudança corporal do sujeito e de seus hábitos pelo trabalho cotidiano a que é obrigado, e de sua vontade pelos cuidados espirituais de que é objeto. A autor aponta quando o detento entra, lhe é lido:

ao mesmo tempo, os inspetores procuram fortalecer nele as obrigações morais onde ele está; demonstram-lhe a infração em que caiu em relação a eles, o mal que disso consequentemente resultou para a sociedade que o protegia e a

necessidade de fazer uma compensação por seu exemplo e ao se emendar. Fazem-no em seguida comprometer-se a cumprir seu dever com alegria, a se comportar decentemente, prometendo-lhe, ou fazendo-o esperar, que antes da expiração do termo da sentença poderá obter seu relaxamento, se comportar bem... De vez em quando os inspetores, sem falta, conversam com os criminosos um depois do outro, relativamente a seus deveres como homens e como membros da sociedade (RAMALHETE, 1999).

Segundo a autora, a condição e consequência na formação de um saber dos indivíduos é mais importante que esse controle e essa transformação do comportamento. Para justificar da escolha do tema, pensou-se em primeiro lugar fazer um breve histórico sobre aparecimento do panóptico e depois ver em quem medida Foucault pensa sobre a vigilância no mundo atual:

“Nossa sociedade não é do espetáculo, mas é de vigilância, sem que sabemos perfeitamente que há um ponto de vista de relatório. Nós não estamos na arquibancada ou no palco, mas na máquina panóptica investido por seus efeitos de poder que nós estamos renovando uma vez que somos uma engrenagem” (pp. 218-219, **tradução minha**).

O poder capilar deveria informar os projetos individuais nele como o modelo de homem que deve cumprir, por causa de sua "alma" as funções de monitorização do relé mais íntimos ou mais eficiente se disciplinar. Desse modo, Nietzsche questionou a forma como a moral poderia ser gravado dentro do corpo como a "consciência", assim, Foucault se refere a "uma alma [...] que é em si uma parte que domina o poder exercido sobre o corpo", e inverte a visão platônica do túmulo corpo da alma: "A alma, prisão do corpo" (p.34).

Para tentar entender a abordagem do tema escolhido, pensou-se em primeiro lugar procurar saber da origem do panóptico que é abordado em ponto a seguir.

Metodologia

Este estudo teve como base de pesquisa a revisão de literatura. De acordo com Gil (2017) a pesquisa bibliográfica é baseada em materiais já desenvolvidos, que são, em grande parte, constituídos por artigos científicos e livros. A pesquisa bibliográfica possui vantagens se comparada com outros tipos de pesquisa, como por exemplo, permitir ao investigador a cobertura de vários fenômenos amplos, diferentemente de pesquisas que vão unicamente no assunto. Para o desenvolvimento e obtenção dos resultados analisados neste trabalho, utiliza-se a metodologia exploratória de coleta de informações e dados (MOTA-ROTH e HENDGES, 2010). São feitos levantamentos em fontes secundárias objetivando reunir informações, mas sem intenção de testar hipóteses, e porque a intenção não é de quantificar os

dados, mas sim baseada numa pesquisa de cunho interpretativista para o entendimento do fenómeno panóptico (POUTOU, 2019), e baseando-se em obras de importantes autores e pesquisas sobre o tema.

I- A gênese do panóptico

No início da década de 1770, tendo abandonado a carreira jurídica para que seus estudos destinados a ele, Bentham definiu a ambição de reformar a lei criminal. Em muitos manuscritos, ele traça os contornos de uma reforma da lei utilitarista, onde, de acordo com os princípios poucas décadas atrás por Cesare Beccaria², as punições seriam codificadas, pensamentos e graduou-se de acordo com as ofensas.

Em um sistema de utilitária, isto é, de acordo com a definição deste termo, um sistema que contribui para Bentham "maior felicidade do maior número", a punição é sempre um mal, mas um mal necessário: «*Punishment is everywhere an evil; but everywhere a necessary one. [...] No punishment, no government; no government, no political society*». Além, dá dor física ou psicológica infligida ao indivíduo punido, a própria empresa é colocada em uso para garantir que os salários dos juízes e polícias, bem como para apoiar os custos da penalidade. Para Bentham, a felicidade da sociedade implica que essas despesas são tão baixas quanto possível:

Assim que o mal da sanção penal não seja imposto em grandes quantidades, é essencial ter em conta para determinar a punição de cada três objetivos inseparáveis: dissuasão, reforma e do jogo entre a punição e a culpa, por um lado e a personalidade do condenado, por outro. Bentham insiste particularmente no terceiro critério: a sanção penal deve ser adaptada, dependendo da infração, o infrator, o número de pessoas susceptíveis de cometer a infração, etc. (**Tradução minha**)

Esta é uma clara ruptura com os princípios do Inglês *Common Law* que deixa o princípio jurisprudencial, na prática, ampla liberdade aos juízes enquanto promulgar sanções extremamente severas para todos os crimes contra as pessoas e propriedade. Na postura crítica do filósofo Bentham acrescentou o que é do observador. Ele visita os cascos, estes navios desarmados convertidos em prisões que abrigam nas margens do Tamisa condenado a trabalhos forçados, ele aprende sobre as penitenciárias existentes. Ele vai para este na linha de John Howard, o filantropo que em 1777 publicou “O Estado das Prisões” em que ele denunciou as condições das prisões na Grã-Bretanha e revela um grande público de

²Cesare Beccaria, Dos Delitos e das Penas, trad. M. Chevallier, Paris, Garnier-Flammarion, 1991.

aglomeração, vermes, comida aleatória e situação de saúde terrível que caracterizam as prisões do final do século XVIII.

Bentham quer propor uma forma de sanção penal que é humano, flexível e permite a reforma económica, a reabilitação de condenados. No início de sua carreira, ele favorece o carácter exemplar da pena e sua proximidade simbólica para o crime: a função dissuasiva da sanção penal deve prevalecer. Ele, então, inventa com seu irmão Samuel, o princípio da vigilância panóptica excessivo que rapidamente lhe aparece como a melhor maneira de garantir os prisioneiros boas condições de vida, para reformar o seu comportamento e para preservar as finanças públicas. Mais tarde, após o fracasso do Panóptico, ele vai em vez a favor de sistemas mais convencionais, tais como multas e expulsão.

Como Bentham sugere-se várias vezes, a ideia da estrutura panóptica é a ideia de Samuel, seu irmão, que era um engenheiro na década de 1780 na Rússia. Originalmente, o Panóptico se destinava a abrigar oficinas de construção naval. Um protótipo também tinha sido construído de acordo com este plano de circular por Samuel. No final desta década, Bentham emprestado de seu irmão, o princípio de um edifício circular com a vigilância quase permanente de indivíduos e aplica-lo à prisão. Ele escreveu em 1786 as primeiras letras Panopticon, quando foi feito o debate sobre as prisões mais urgente pela perda das colônias americanas. Estas cartas não são publicadas imediatamente, mas circulam entre amigos e conhecidos de Bentham. Dado o interesse que eles geram, em 1790, aumentou em grandes *Postscripts*. Mas as primeiras impressões são as vendas fracas e decepcionantes.

Em 1791, Bentham aborda Garran, então secretário da Assembléia Nacional, um resumo em francês do livro, é elaborado por Etienne Dumont³, intitulado *Mémoire sur un nouveau principe pour construire des maisons d'inspection, et nommément des maisons de force*, nomeadamente casas pela força. Este relatório é citado na Assembleia Nacional, que ajuda a saber Bentham de um partido de revolucionários franceses, mas a Assembleia não deu seguimento a esta oferta. O filósofo virou-se para a Grã-Bretanha, onde ele lidera em 1791 uma campanha alimentada com o governo para construir uma prisão no modelo panóptico, que ele se propõe a ser o governador. Embora goza de um apoio significativo no início, o

³**Tradução minha.** Pierre Louis Étienne Dumont, escritor suíço e advogado, nasceu em Genebra em 1759 e morreu em 1829. Ele foi primeiro pastor da Igreja Reformada francesa em Genebra, veio para a França em 1789, começou em conexão com Mirabeau, escreveu para seus muitos discursos e ajudou na publicação do *Courrier de Provence*. Alguns anos depois instalou-se na Inglaterra, onde fez uma estreita colaboração com Jeremy Bentham, a quem ele colaborou por mais de vinte anos e retornou a Genebra em 1814: ele foi nomeado membro do Conselho Soberano e fez adoptar um código penal em conformidade com os princípios de Bentham. Também havia publicado uma série de cartas em Bentham (na Biblioteca Britânica, vol. V-VII) e publicado em francês em 1791, o texto sobre o panóptico de Bentham. Foi publicado após sua morte, suas memórias em Mirabeau, 1831.

projeto falha, tropeçando em particular a dificuldade de requisição terras privadas para construir este edifício. Depois de anos de negociações com o Governo britânico, que teve em 1794 adotou o princípio de uma Panopticon, para cerca de Londres, o projeto está afundando gradualmente. Em 1813 Bentham recebe uma compensação financeira pelos custos incorridos. A ideia de construir um Panopticon é definitivamente enterrado.

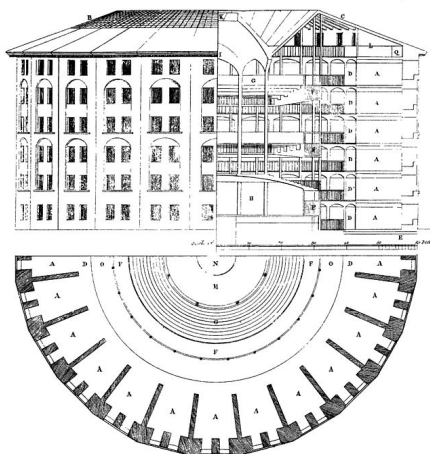
Em 1802, Etienne Dumont reproduz o texto 1791 na Piscina Columbia: "O panóptico, ou casade inspeção central." No mesmo ano, ele é integrado aos Tratados de direito civil e penal. É uma síntese de cartas originais e *Postscripts*, dois textos que se mantiveram distintos na edição das Obras Completas estabelecidas ao abrigo patrocinado por John Bowring após a morte de Bentham. A idéia de Panopticon de Bentham é uma ao mesmo tempo uma construção teórica concreto e projeto muito real, o que irá garantir a sua reputação, mas também a sua riqueza e que inaugura um dispositivo que vai se tornar a matriz de uma parte significativa do seu sistema.

II- O pensamento de Foucault do panoptico

A descrição do Foucault da prisão Panóptica dada acima coincide com os planos elaborados por Bentham ou após as suas indicações. O supervisor, instalado na torre central, deve verem qualquer momento, o que está acontecendo em cada célula. Mas deve-se enfatizar certas características que pertencem intrinsecamente ao projeto panóptico e que não estão descritos neste trecho, embora Foucault leva-las em conta em outro lugar (**grifos meus**). As prisões panópticas, realizadas pela fúria celular da década de 1840, têm dois aspectos cruciais: a célula individual e oposto de observação central. Contemporâneos, muitas vezes julgados positivamente essas inovações, e Victor Hugo notou depois de uma visita em 1847 que Pequena Roquette era "uma cidade feita de muitaspequenassolidões, [...] umclaustro, umacolmeia." (**Tradução minha**).

No entanto, Foucault procura tornar visível o que já é, para "mostrar o que é tão próximo, o que é tão imediata, que está tão intimamente ligada a nós, mesmos por causa do que nós não percebemos" (JÚNIOR, 2015). Evocando Foucault é imediatamente considerado mais emblemático de seu pensamento: Vigiar e Punir, publicado em 1975. Foucault descreve a prisão, a tortura, e está particularmente interessado em questões de controle e disciplina. Ele fornece uma observação crítica em seu pensamento: onde a dinâmica de punição era, desde o século XVI, um caminho para o poder de ser visível, mas, o poder não quer se expor; o número mais alto deve ser visível para o número mais pequeno. Dada a ordem rígida,

Foucault surge a ideia de autodisciplina, normas flexíveis, e esboçar as linhas gerais de uma empresa de monitoramento e controle que será concretizada através do boom da tecnologia.



Jeremy Bentham, "The works of Jeremy Bentham vol. IV, 172-3"
Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Panopticon.jpg>

Em "Vigiar e Punir" o filósofo dedica um capítulo inteiro ao panóptico, esta invenção de Jeremy Bentham, filósofo e reformador britânico, cujo princípio: o panóptico é uma torre central visto na imagem acima, em que existe um supervisor em torno destas células redondas estão dispostos em um círculo. A luz entra do lado do prisioneiro, e o supervisor pode, então, vê-lo cortado em silhueta em sua cela. Ele sabe e controla se o detento está presente ou não, o que ele faz ou deixa de fazer. Por outro lado, o supervisor ser invisível, o prisioneiro se sabe se ele está sendo monitorado ou não. Este princípio, para Foucault não só é confinado à prisão, mas se estende às oficinas de fabrico, às escolas residenciais, quartéis, etc. O panóptico está finalmente fazendo visibilidade de prisão. Estamos constantemente bloqueados para colocar em plena luz. A questão de fundo é que sabemos monitorado. A alimentação é automatizada e desindividualização, uma vez que não é visto. Desse modo, Foucault escreve:

"O efeito do Panóptico é induzir o preso em um estado de visibilidade consciente e permanente que assegura o funcionamento automático da potência. [...] A vigilância é permanente em seus efeitos, mesmo que descontinua em sua ação " (**Tradução minha**)

Se o filósofo dedica muito espaço a este sistema, é porque ele entendeu perfeitamente que o simboliza os novos dispositivos de monitorização apresentam um menor poder, mais discreto.

III- Do regime disciplinar para a autodisciplina

É essa ideia que Damasio (1999) em seu primeiro romance de ficção, *La Zone du dehors*, onde criou uma sociedade distópica nomeados Cerclon, onde ele extrapola o conceito de panóptico descrito por Michel Foucault. No coração do problema: a transformação de um sistema de poder que se estende para além da prisão. O autor aponta que:

O que Foucault se sente é que a autoridade terá de proceder de forma diferente, muito mais livremente, insidiosamente, e fazendo uma espécie de troca: eles trocaram alguns da nossa liberdade em nome de uma vida mais fluido. Ele antecipa o fato de que passamos um sistema disciplinar a um regime mais prescritivo (DAMASIO, 1999)
(Tradução minha)

No entanto, as pessoas já não suportam o poder disciplinar, o que vemos nas escolas, em dietas, as pessoas já não suportam que lhes pedem coisas extremamente exigentes e há uma grande liberdade de movimento no século XX. Há uma dimensão intolerável que está ocorrendo sobre o que é o estresse, que é um regime militar, uma dieta muito restritiva, acadêmico e disciplina se torna mais fraca, as pessoas já não toleram que lhes são impostas as coisas (JUNIOR, 2015). De repente, o poder é obrigado a adaptador, obrigado a considerar flexibilidade, e neste sentido que para Foucault o poder deve proceder de outra forma, mais flexível, na verdade, é uma moeda tipo de permutas, infelizmente, o que nós trocamos é parte da nossa liberdade, a nossa privacidade, nossas vidas privadas para a vida mais suave (**grifos meus**). Uma vida em que é mantido a qualquer um é controlado, o fato de que a vida continua devido a vida mais normativa disciplinar. O que antecipa dizer completamente verdade, que

categorias poder do passado: foram força, coagir, impor a pena, monitorar, e as novas categorias são iniciados, incentivar, fazer com que seja provável, que a maior categoria de potência, é tornar provável.

Na verdade, todo o sistema que confronta a internet, todo o sistema algorítmico que é baseado no que você consumiu, sites acessados, dependendo do seu comportamento na rede; é provável que você está interessado em tal assunto, tal local, tal artigo, etc. por isso, é um mundo estatístico, onde o provável se torna uma grande categoria de potência. Isso Foucault diz muito claro, muito explícita e antecipa.

Em fim as Categorias de poder já não são necessários, "*eles tornam prováveis.*" A necessidade de liberdade sucedeu a da segurança. Michael Foucault aponta que:

o sistema panóptico induz ao detento *um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder*, ou seja, o interno tem a consciência que todos os seus atos estão sendo monitorados, mesmo não vendo quem os controla facilitando a vigilância do presídio. Bentham formulou o princípio de que o poder deveria ser sempre visível e inverificável. Visível, pois o detento através de sua janela consegue enxergar a torre "que tudo vê" e inverificável, já que nunca tem a certeza se está sendo observado. (p.166, **Tradução minha**)

Nesta conformidade, o controle generalizado criou assim, uma prisão sem muros. A prisão, ela explodiu em um espaço aberto, ou seja, que mesmo de jogos eletrônicos, GPS, smartphones todos têm códigos eletrônicos, é uma prisão técnica interativa na década de 70, então o que está acontecendo nos ambientes prisionais fechado, se tornou a norma da existência hoje. Isso já não é preocupante, no sentido de que, enquanto não se tem o retorno de poder sobre nossas vidas, para nos impedir, negar-nos um trabalho, não sentimos o que circula em uma cidade, em prisões abertos, em que se tem o direito de se mover, tudo é feito em um mundo onde a segunda liberdade diminuiu enormemente, o que significa que as pessoas estão menos preocupadas com a sua segurança, a conveniência com que podem agirem uma área urbana, eles querem aplicativo, um GPS para guiá-los sem entender o que eles perdem em termos de liberdade. A grande escala é que no momento do Foucault em 1970, ele ainda está atrasado em 1968, já é a liberdade extraordinária, mas hoje o que se coloca acima de tudo é a segurança em nós e a maioria dos anúncios são feitos sobre a segurança ou a fluidez, a liberdade é um conceito mais sustentável.

No entanto, Foucault explica que há um prazer para experimentar o poder reconfortante. "Este não é o *Big Brother*, disse Damasio (1999), é *Big Mother*, é um poder de mãe, que antecipa e atende às nossas necessidades". Há um aspecto muito interessante que vem da personalidade de Foucault, em seus textos, onde ele explica que temos o prazer de ser

controlador. Ele disse que é fabuloso, quanto mais estamos em uma sociedade⁴ mais individualizada, estamos mais solitário, mais se é individualizado; mais casais quebram, mais famílias estão dispersas; mais precisamos para garantir uma certificação da existência, mais precisamos sentir que o sistema pensa de nós, por exemplo, enviando-nos os “pubs” que precisamos, na verdade, as pessoas não interferem em nada, de fato eles sente-se felizes, uma conformidade com a sua existência – Ok, alguém pensa de mim, eu como indivíduo (**grifos meus**).

"A natureza colocou a humanidade sob o governo de dois mestres soberanos, a dor e o prazer. É só para eles apontarem o que devemos fazer, bem como para determinar o que devemos fazer. Por um lado, o padrão de certo e errado, por outro, a cadeia de causas e efeitos, são ligados ao trono"(BENTHAM, 1780)⁵.

O autor argumentou que praticamente todos os seres humanos procuram maximizar sua "felicidade", definida como o excedente dos prazeres mais de dores. Ele também postulou que todas as acções humanas surgem a partir do cálculo hedonista. Altruísmo, o ascetismo, amor, dever, um desejo de liberdade, a obediência à lei, fé, etc. são redutíveis a cálculos de prazeres e dores individuais. Ao aplicar sua hipótese utilitário tão amplamente, Bentham fez empiricamente verificável. Nenhuma peça de evidência poderia concebivelmente ser levado até refutá-la.

Hoje, quando você está numa rua com smartphones e sistemas de localização geográfica onde o marketing direto dá-lhe informações, é horrível, mas alguns dizem "super", alguém está tomando conta de mim, referido no parágrafo anterior. Na verdade, Foucault antecipa isso, e argumenta que é claro que há um prazer de poder, é claro que exercer-se esse poder, entende-se facilmente, e diz, há um prazer a experimentar o poder, de estar embutido, encaixado pelo poder, o poder que responde as nossas necessidades, o poder que antecipa os nossos desejos, a partir dos atos de consumo (por exemplo a internet), podemos encontrar isso no pensamento do Foucault de uma forma passiva de sumição que nos controle, o poder que nos assegura, nos envolve, que nos diz que estamos isolados do *acordo social*, estamos conectado à coisas, há atrás todo uma robótica que está aí para falar connosco, pensar em nós.

Esse tipo de controle é uma *demand social* (FOUCAULT, 1984), não é uma coisa

⁴ Michel Foucault tomou a perspectiva de que "panopticismo" definir uma "nova física de poder", um "laboratório de poder" experimental em que o comportamento poderia ser modificado, e ele viu o panóptico que "cruel, gaiola engenhoso" como um símbolo da repressão, sociedade disciplinar, a "sociedade da vigilância" moderno (Foucault, p.208).

⁵ Tradução minha. No original: "Nature has placed mankind under the governance of two sovereign masters, pain and pleasure. It is for them alone to point out what we ought to do as well as to determine what we shall do. On the one hand, the standard of right and wrong, on the other the chain of causes and effects, are fastened to their throne" (BENTHAM, 1780).

que vem do exterior, que é imposto, mas uma demanda social, como é o caso das câmeras de vigilância (como as imagens do CISP-ANGOLA), aceitamos, tranquiliza-nos, sentimos que estamos em segurança garantido no espaço público, que permita a polícia intervir em caso de um ataque, isso tudo é uma demanda social e também uma demanda de controle social, na verdade uma *demanda de segurança de controle* (grifos meus).

IV- Uma sociedade panóptica horizontal atual

Na perspectiva do que foi apontado nos parágrafos anteriores, o controle é, portanto, uma demanda social, não é tributada. A chegada de câmeras de segurança, monitoramento de meios que levam o princípio do panóptico, estabelecida em larga escala de autodisciplina foi sugerido por Foucault. A autocensura, autocontrole são mais desenvolvidos com ferramentas de monitoramento de rede, dessa forma, Panopticon não está mais confinado à prisão, ele está agora se espalhando em todos os estratos da sociedade (grifos meus).

O que acontece com as câmeras de vigilância, é que somos constantemente visto e não sabemos se alguém está prestando atenção a qualquer momento. O que Foucault desenvolve é a coisa interessante em que vamos gerar uma atitude pessoal, porque você nunca sabe se alguém está assistindo ou não. E isso fez-se multiplicar, democratizar com ferramentas que estão agora no lugar, ferramentas de monitoramento de rede, ferramentas em uma cidade, os chamados eletrônico civis, todo sistema de vigilância por câmera biométrico, câmeras de detecção de movimento permitem de operar o controle panóptico dentro de uma sala de controle, é o que primordial no Foucault, ele aponta que no sistema panóptico, o que conta é a função e a categoria de poder que está atrás do panóptico. Foucault ainda desenvolve que o panóptico tornou-se mais abstrato e mais complexa, no entanto os lugares fechados (escola, hospital, fábrica) onde se controla alunos, doentes e trabalhadores é relativamente fechado, é um regime disciplinar de um grupo limitado num espaço fechado: enquanto que

« Les premières investigations sociologiques portant sur les prisons les envisageaient comme des espaces clos, des sociétés autonomes », une nouvelle orientation apparaît, « la prison est moins le centre des recherches que l'occasion et l'objet d'une analyse de la société qui la sécrète, l'organise, la tolère » (p. 4).

Já se pode entender que os objetos pertos por Foucault são os pontos de entrada para uma reflexão mais abrangente. Isso é que acontece com a chegada das novas tecnologias, um espaço aberto, mas controla a população, uma capacidade de controlar milhões dos indivíduos.

Ao contrário, o que Foucault, e outros filósofos não poderiam antecipar, é a importância das tecnologias, seu desenvolvimento e suas implicações sobre a prática da vigilância panóptica. Nesse sentido, a *Internet, smartphones, induziram uma nova forma de controle, mais horizontal*. Não é mais só um poder vertical que observa a população, mas todos podem potencialmente ver o seu vizinho: "*O sistema panóptico tornou-se portátil, uma rede de maneira panóptico consubstancial*"(**grifos meus**).

Retornando em Vigiar e Punir, Foucault quebra as principais hipóteses sobre o projeto de poder, incluindo o de um poder piramidal. Assume-se que, no corpo social, há uma variedade de pequenos poderes exercidos. O Estado deve ser agregado, aglomerado, nesse olhar, é exactamente o que agora fazem os serviços como o *Google* ou o *Facebook*. Em que trocar com povo, eles dão um monte de dados pessoais, que estes serviços podem vender às agências. De salientar que não é o seu projecto inicial, mas uma vez, percebeu-se que havia um modelo de negócio, tornou-se tais golems espécies da rede. Esse tipo de análise estratégica é muito foucaultiano.

Considerações finais

De todos os dispositivos panóptico inventados por Bentham, o da prisão dá particular destaque as contradições deste sistema. A tensão entre a realidade e a ilusão de vigilância e a dialética da liberdade e coerção é revelado. Seria, portanto, muito rápido para ver apenas a afirmação de um princípio controlo generalizado dos corpos e dos espíritos e uma abordagem desprovida de toda a humanidade.

E para finalizar, julga se que nesta sociedade, a visão panóptica como foi posta por Foucault em 1975 ainda é válida. O autor dá antecipação, no entanto, e não parar por aí. Nota-se que perdeu a geminação de panopticismo, internet e smartphones, ainda se percebe o termo panóptica, o crescimento das tecnologias de controle para além de vigilância simples dos prisioneiros. Pode-se imaginar que os sistemas "Panasonic" e "Panthermic", etc. não são mais uma direção, aqui bem vista, são tendenciosas, mas não só os seres humanos são monitorados em todos os níveis da sociedade, mas cada um se torna seu próprio supervisor (**grifos meus**). Ao panóptico de Bentham, deve ter sucesso o *pansensitif*: monitoramento, que se situou em todas as escalas.

Nessa perspectiva, Foucault fundamenta: “começa-se com uma rede existente, o poder do Estado e condensa muito apropriada hoje, onde temos uma sociedade muito fluida,

molecular ", Foucault ainda conseguiu extrair uma prisão modelo e um conceito operacional geral que é usado ainda hoje. Ele destrói a idéia de um poder repressivo. Os novos regimes podem produzir verdades, a partir do qual vamos determinar o que é verdade ou não. Poder moderno é o poder que faz crescer, produzir, agir e consumir. Pensamos estar em segurança, e esquecendo que perdemos a liberdade, por estarmos vigiados todos os tempos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bentham, Jeremy. **"Pauper Management Improved; Particularly by Means of an Application of the Panopticon Principle of Construction"**, 1797, *Young's Annals of Agriculture* (publ. as pamphlet in 1812)

—, 2013, **"The Legal and Political Legacy of Jeremy Bentham"**, *Annual Review of Law and Social Science*, 9: 51–70.

—, 2014, **"Jeremy Bentham on Taste, Sex and Religion"**, in Z. Xiabo and M. Quinn, eds., *Bentham's Theory of Law and Public Opinion*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 90–118.

BRUNON-ERNST, A. 2007. **"Les métamorphoses panoptiques : de Foucault à Bentham"**, in *Cahiers critiques de philosophie*, Paris : Hermann Editeurs, N°4, Juin.

Damasio, Alain. **La zone du dehors**, *Les Clameurs et La Volte*; editions Cylibris, 1999.

Howard, John. **The state of the prisons in England and Wales**, &c. Eyres, William, 1777

Júnior, Atilio Butturi. **Notas de aulas da disciplina de T.E. em Práticas de linguagem** (2015.1) do Programa de Pós-Graduação em Linguística. UFSC, 2015.

Dumont, Etienne, 1759-1829. **Le Traité de législation civile et pénale**. Publication date an x--1802. Topics *Legislation*, Law -- History, Criminal law, Political science. Publisher Paris. Disponível em <https://archive.org/details/traitsdelgis00bent> Acessado em 12.07.2015

Michel FOUCAULT, *Surveiller et punir. La naissance de la prison*, Gallimard, coll. « Bibliothèque des Histoires », 1975.

_____. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões.** Tradução de Raquel Ramalhete, 21 ed., Petrópolis: Vozes, 1999b.

Semple, J., 1993, *Bentham's Prison: A Study of the Panopticon Penitentiary*, Oxford: Clarendon Press.

Machado, Roberto. **A arqueologia do saber e a constituição das ciências humanas.** Discurso, São Paulo: USP, v. 5, n. 5, p. 87-118, 1974.

_____. **Por uma genealogia do poder.** In: Foucault, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1977. p. VII-XXIII.

The Panoptic Disponível em <http://plato.stanford.edu/entries/bentham/#Pan>. In Jeremy Bentham. *First published Tue Mar 17, 2015*. Acessado em 16.05.2015